

EDITORIAL

A Ciência, a Pesquisa, o Ensino e Práticas em Saúde Pública

Neste mundo globalizado, no qual podemos obter informações em quantidades e velocidades surpreendentes, ainda estamos longe de atingir resultados dignos de uma saúde realmente efetiva e humanizada. Efetiva no que diz respeito à aplicação de tudo que descobrimos e aprendemos a todos a necessitados, tanto preventiva quanto terapêuticamente, e humanizada porque ainda tratamos os indivíduos como mercadoria, ou como objeto de uma obrigação profissional. Sem contar ainda, com a velha discussão sobre como a ação multiprofissional, que deve atuar de modo interdisciplinar, e até transdisciplinar, para somar esforços e aperfeiçoar o trato e o tratamento a quem mais necessita.

Todos estão muito atarefados, sobrecarregados de afazeres e responsabilidades, diminuindo a atenção de quem precisa, e ao mesmo tempo há aqueles descompromissados, descomprometidos, criadores de problemas e colocam empecilhos às soluções, além daqueles com possíveis condutas duvidosas com vieses de desvios de volumes financeiros públicos que deveriam ser destinados às necessidades da população, gerando assim um sistema que pode comprometer a eficiência da atenção e do atendimento.

Somos e estamos orgulhosos de tanta tecnologia na área da saúde, com novas máquinas para investigações mais profundas e detalhadas, de terapêuticas mais complexas e precisas, de possibilidades de transplantes cada vez mais rápidos e com maior tempo de sobrevida, no entanto ainda estamos distantes de que tudo isso se reverta em mais saúde.

Nosso modelo de saúde atual, que é viciado, demasiadamente inspirado no modelo hospitalocêntrico, na ação do “senhor médico”, na solicitação de exames auxiliares investigacionais e no uso de remédios, ainda carece de uma transformação radical, de quebra de paradigmas, de execuções das políticas de ações já discutidas, publicadas e que carecem de ser postas em prática. Temos de vencer todos os atores envolvidos na saúde de que medidas simples de prevenção, de administração do estresse mental, de execução de exercícios físicos, boa alimentação e uso correto de verbas na saúde, além de outras ações já bastante conhecidas, podem realmente fazer muita diferença, tanto na qualidade de vida, quanto na mortalidade de um modo geral.

Só não vivemos em um caos total porque existem pessoas, instituições e órgãos que teimam em fazer acontecer, de modo a garantir um pouco de qualidade àqueles necessitados e carentes de educação e atitudes saudáveis em saúde, tanto individuais quanto coletivas. E esses esforços podem ser constatados nos textos presentes neste volume.

Os artigos que compõem esta revista revelam exatamente isso. Demonstram que necessitamos consolidar por meio de projetos e disciplinas o ensino, a educação e a qualidade profissional. Estamos aprendendo que hipertrofiar cérebros com informações sem o devido trato humanizado para quem aprende, dificilmente será possível estendê-las quem cuida e ensina.

Cada vez mais estamos aprendendo que temos de ampliar nossa capacidade e possibilidade de interlocução entre o ensino, serviços e comunidades, qualificando a assistência prestada à população, de tal forma que temos de ter um modelo de assistência que seja no mínimo interdisciplinar entre todos os atores envolvidos, desde aquele que abre a porta de uma unidade ou instituição de saúde até aquele que administra. Nossa realidade mostra que, embora possamos estar neste caminho, ainda há muito por fazer.

Os textos deste volume nos fazem refletir que estamos enganados em muitos fatores, e que ao pensar que muita coisa está resolvida e determinada, ainda estamos longe de uma boa educação e atitudes corretas em saúde. Como exemplo, cito o fato de que ainda não sabemos ensinar a usar corre-

tamente uma simples seringa para administrar insulina, que temos dificuldades enormes para entender a importância e a boa prática da nossa higiene bucal, que estamos despreparados para trabalhar com pessoas, grupos e enfermidades.

Por outro lado, os artigos revelam, também, que temos pessoas, profissionais, discentes, docentes e instituições de ensino ou não, da área da saúde, que querem fazer diferente; que desejam fazer parte de uma nova era, de um novo momento, que acreditam que podem fazer mais e melhor, que o cuidar do indivíduo e da comunidade começa dentro da universidade, do cuidado com os futuros cuidadores, seja por meio da extensão ou da pesquisa, seja mediante o ensino, tudo articulado, tudo comprometido, tudo voltado para o cidadão, para o indivíduo, para aquele pelo qual realmente optamos por nortear nossa vida profissional.

Prof. Dr. Paulo Ricardo Nazário Viecili

Professor e Líder do Grupo Multidisciplinar em Saúde-Unicruz
Programa de Pós-Graduação em Atenção Integral à Saúde (PPGAIS)
Diretor do Instituto de Cardiologia de Cruz Alta-ICCA
vieciliprn@uol.com.br